

## PAI, MÃE E SI MESMA – ALISON BECHDEL E A SUA TRILOGIA SOBRE SER VIR A SER DYKE, DEPOIS MORRER

### Father, mother and herself – Alison Bechdel and her trilogy about becoming dyke, then dying

#### Flora Mangini

Doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) Doutora pela Sorbonne Université

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6836-8325>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8119224402253885>

“- Qual é a sua maior ambição na vida?

- Virar imortal e depois morrer” (Acossado, 1960)

A resposta que Godard coloca na boca de Jean-Pierre Melville à pergunta da personagem de Jean Seberg em “Acossado” me veio várias vezes à cabeça lendo o terceiro e mais recente dos romances gráficos de Alison Bechdel: “O Segredo da Força Sobre-Humana” (2023)<sup>1</sup>. Neste livro, Bechdel, que nasceu no ano de lançamento deste filme, reconta a história de cada uma das suas seis décadas de existência através da sua relação com a atividade física, no que se revela ser uma elaboração da sua própria mortalidade. Nas suas palavras, o livro:

“Trata de condicionamento físico e... mortalidade - e essa é a parte difícil, a mortalidade. É sobre como é viver em um corpo envelhecido, sabendo que o você vai morrer. A parte dos exercícios é como o açúcar para fazer o remédio descer, sendo o remédio todas essas grandes questões da vida. (...) Tenho que sentir que o que estou fazendo é impossível, caso contrário, simplesmente não o farei. É isso que me motiva.”<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Bechdel, Alison (2023)

<sup>2</sup> Paris review: “It’s about physical fitness and ... mortality—and that’s the hard part, the mortality. It’s about what it’s like to live in an ageing body, knowing you’re going to die. The exercise part [Bechdel, who has a black belt in karate, has long been keen on fitness] is like the sugar to make the



E o que encontramos é efetivamente uma exploração cheia de nuances e detalhes da sua busca perene pelo bem-estar físico, mental até espiritual. Este livro gráfico de memórias é o trabalho mais evidentemente autobiográfico de Bechdel, no sentido da elaboração direta do que significa, afinal, ser *si mesma*. Mas ela chega a isto entrelaçando os fios de sua obsessão por condicionamento físico, dificuldades em relacionamentos e comparação em alguns pontos com a vida de outros autores fascinados por questões que ficam na intersecção entre o que é do corpo, o que é do ego e o que é numinoso (uma palavra que ela repete algumas vezes, cf. p.7)

Este trabalho, inicialmente pensado como um “livro leve sobre exercícios”, chega a nós portanto como uma delicada investigação sobre a transformação por que passamos em todas as fases da vida. Transformação que não é restrita ao *si*, mas também vale para o entorno social, tecnológico e político, o que é enfatizado imagetivamente por Bechdel a cada etapa:

---

medicine go down, the medicine being all these big questions of life. (...) I have to feel whatever I'm doing is impossible, otherwise I will just not do it. That's what motivates me.”

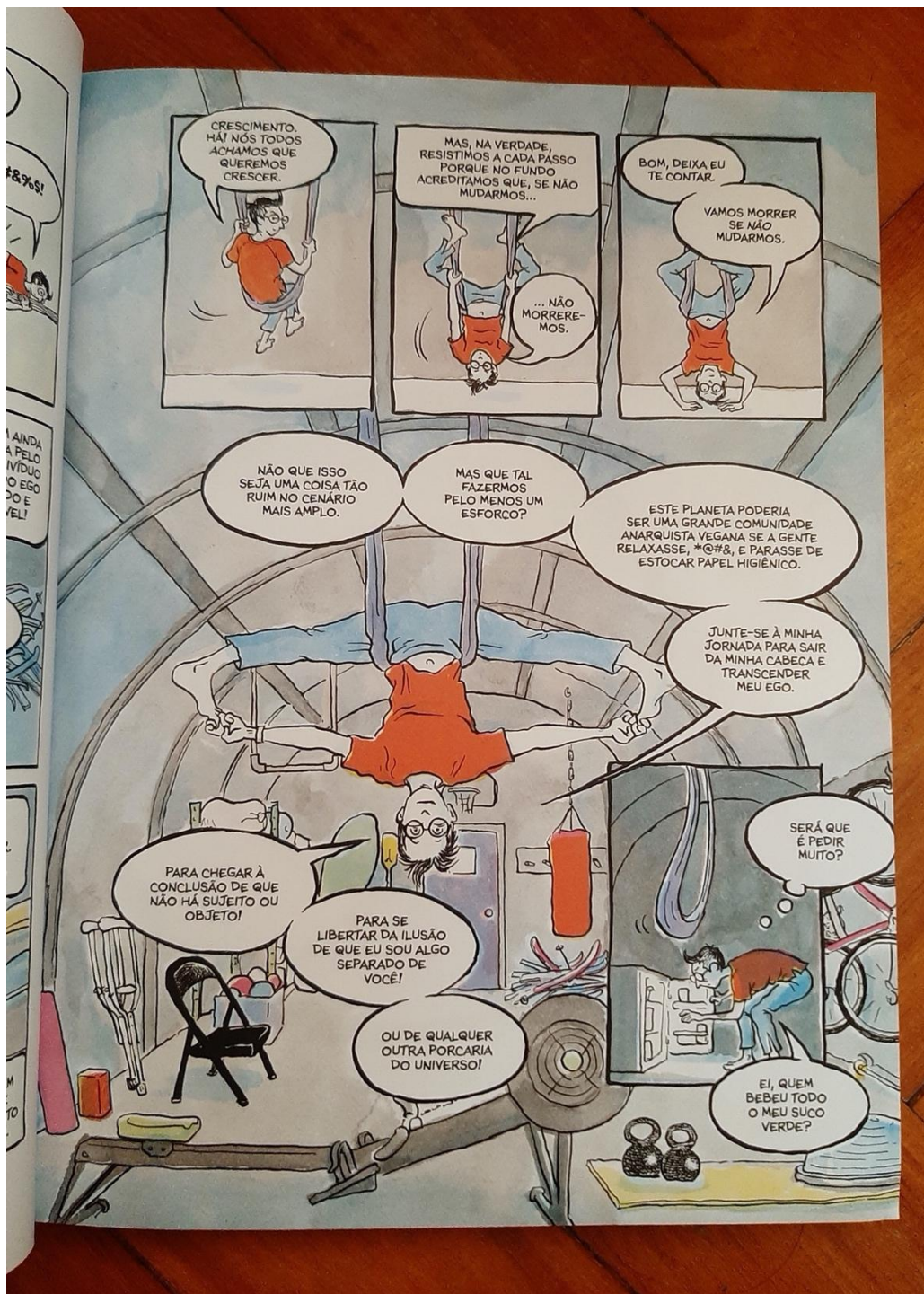




Ela entretetece estas transformações com aquelas por que passaram outros autores, principalmente aqueles que, como ela, tinham interesse na relação entre si, as montanhas e mesmo o tema budista de aceitar a transformação:



Mas o ponto crucial de transformação, ela apresenta no capítulo de introdução como uma questão relacionada à morte, p.17:



É em relação a este ponto que a citação de *Acosado* a que aludi no começo veio à minha mente várias vezes. Ser imortal e depois morrer teria sido o que Bechdel fez? Em que sentido?

Neste breve ensaio, vou argumentar que, ao inventar identidades sapatões para suas personagens de *Dykes to Watch Out For* (em português, *Perigosas Sapatas*)<sup>3</sup> e depois investigar sua relação tanto com o seu pai quanto com a sua mãe nos seus dois primeiros romances gráficos, ela cria uma outra maneira de narrar a existência *dyke* (*sapatão*) e só em seguida pode se preocupar com a própria mortalidade. Vamos olhar brevemente para o seu trabalho em cada um destes domínios.

## 1. Imortal na comunidade sapatão; gênio para grande público

As tiras de Bechdel *Dykes to Watch Out For* foram publicadas por 25 anos<sup>4</sup> e são responsáveis por criar um imaginário quotidiano, engraçado e politicamente ativo de uma comunidade lésbica numa época em que o trabalho em HQ representava poucas mulheres, e que quando apareciam, na sua maioria eram hipersexualizadas e objetificadas.

Embora a invisibilidade lésbica siga forte e operando na cultura *mainstream*<sup>5</sup>, a intensidade da transformação cultural nas últimas décadas em espaços de vivência e pensamento *queer* talvez torne menos óbvio o fato de que, quando Bechdel começou a fazer tiras em quadrinhos, nos anos 80, a cultura lésbica era não só marginalizada, mas

---

<sup>3</sup> Em entrevista, Bechdel diz que cada uma das personagens era ao mesmo tempo fictícia e um aspecto dela mesma. [https://www.youtube.com/watch?v=9JtQ1ORn3fl&ab\\_channel=Audible](https://www.youtube.com/watch?v=9JtQ1ORn3fl&ab_channel=Audible) visitado em 29 de dezembro de 2023.

<sup>4</sup> Lançado no Brasil como “O essencial das perigosas sapatas”), uma destas tiras foi também responsável por popularizar o que ficou conhecido como “teste de Bechdel”. Para ser aprovado, um filme deve passar no crivo de três perguntas constrangedoramente simples: tem pelo menos duas mulheres?; elas falam uma com a outra?; sobre algo que não seja homens? É chocante o quanto uma fatia imensa da história do cinema, incluindo filmes lançados este ano, como *Oppenheimer*, não passa neste teste.

<sup>5</sup> Recentemente circulou uma manchete dizendo que a celebrada jovem compositora e cantora Billie Eilish teria perdido centenas de milhares de seguidores depois de comentar numa entrevista que era óbvio que gostava de mulheres. <https://billboard.com.br/billie-eilish-perdeu-seguidores-apos-falar-de-sua-sexualidade/> visitado em 29 de dezembro de 2023.



também temida, ridicularizada e atacada – em relação a sapatas era necessário "watch out for" (tomar cuidado). "Ao desenhar a vida cotidiana de mulheres como eu", diz Bechdel na introdução de *Perigosas Sapatas*, "eu esperava tornar as lésbicas visíveis não apenas para nós mesmas, mas para todos".

Mas o trabalho que tirou Bechdel da zona de marginalização em que a cultura *queer* em geral permaneceu até os anos 2000 foi decididamente o seu primeiro romance gráfico em que ela explora a sua relação com o pai, um homem cuja homofobia internalizada o manteve no armário durante toda a sua vida (embora com perigosas incursões com adolescentes que quase vieram à tona), o que Bechdel só descobre pouco depois de se assumir lésbica e pouco antes de ele tirar sua própria vida. Neste aclamado *Fun home: uma tragicomédia em família* (2005; trad. em português 2013)<sup>6</sup>, vemos Bechdel procurar, analisar, organizar suas memórias com o seu pai, que vão da tirania doméstica à sensibilidade literária (ele era professor de literatura), cumplicidade e imensa distância. É ainda, como Bechdel descreve em entrevista, sobre como “ela aprendeu a ser artista com o pai”<sup>7</sup>.

O que vemos ali é Bechdel procurando traduzir em formas e texto com profundidade e humor extremamente finos, as memórias que ela guarda do evento original (a existência do seu pai dentro da sua família) dentro de si mesma e ressignificadas pela leitura dos livros favoritos do seu pai, de cartas e fotos antigas. Enquanto detalhista historiadora do próprio núcleo familiar, Bechdel cria um romance gráfico de autoetnografia, pois não se trata tanto da vida do seu pai *em si*, mas sim do que a convivência e posterior descoberta dos segredos de família envolvendo o seu pai tiveram como efeito sobre ela.

Com a aclamação deste primeiro livro sobre si através da relação com o seu pai (ela recebeu uma MacArthur Fellowship para “gênios” em 2014 e virou best-seller, recebendo

---

<sup>6</sup> Vencedor de inúmeros prêmios, best-seller no New York Times por xx semanas, e mais tarde adaptado para um musical vencedor de 5 prêmios Tony, hoje *Fun Home* está também sendo adaptado para o cinema.

<sup>7</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=FivG3mwe5oY&ab\\_channel=GateTheatreDublin](https://www.youtube.com/watch?v=FivG3mwe5oY&ab_channel=GateTheatreDublin), consultado em 29 de dezembro de 2023.



críticas universalmente elogiosas), ela pôde se investigar também através da relação com a sua mãe no livro seguinte, *Você é minha mãe? – um drama cômico* (2012; trad. em português 2023).

Estes dois romances são frontalmente dedicados ao impulso de conhecer o *eu* em planos temporais e afetivos. Em uma entrevista à Paris Review, ela descreve seu segundo livro como uma narrativa autográfica autorreflexiva que negocia os perigos de expor detalhes íntimos da vida familiar no espaço público.

Neste sentido, o segundo romance é uma continuação do primeiro, o que só enfatiza o fato de que Bechdel é uma artista que reconhece um desejo de clareza emocional e reconciliação entre seu passado e seu presente, tentando descobrir no processo as suas origens como filha, como sapatão e como vítima de sintomas de ansiedade. Esse processo de descoberta é retrospectivo e moldado por temas que se cruzam entre gerações. *Fun Home* e *Você é minha mãe?* funcionam juntos como um espaço narrativo para um exame de vários temas que se cruzam, incluindo o espanto com a morte (“Fun home” é o jeito como seus pais descreviam o negócio familiar, uma *casa funerária*), mas também a diversidade de gênero, a sexualidade e, particularmente, trauma familiar e entre gerações.

Esta escrita de autoinvestigação de Bechdel, que usa várias metodologias narrativas, numa espécie de arquivo afetivo, continua também no terceiro romance da “trilogia”, este baseado na relação dela *consigo mesma*: “Deixa eu entender isso. Perfeição e inutilidade não são as duas únicas opções?”, diz ela na página 185.

Neste terceiro livro, Bechdel diz ter chegado na casa dos 50 anos se perguntando: "para onde foi minha alegria criativa?" No que ela chama de "o livro do *fitness*", a autora relata, desde o seu nascimento até o presente, as diferentes modas de exercícios através das décadas: corrida, karatê para mulheres, diferentes tipos de esqui, ciclismo, caminhada, ioga, alpinismo amador na montanha do *Dharma Bums*, a lista continua... "Eu me





aventurei atrás de quase todas as novas modas fitness que surgiram nas últimas seis décadas", escreve ela.

Ainda assim, como já aludimos, este livro trata de mais do que apenas exercícios. O trabalho de Bechdel sempre engloba vários temas interligados: nos capítulos dedicados à sua infância e adolescência, ela procura decifrar como percebia o próprio corpo; como se desenvolveu a sua consciência gay emergente; nas décadas adulta, a conexão entre a natureza e o significado interior que o movimento corporal lhe traz; como os escritores transcendentalistas eram uma versão dos *hippies* um século antes; e como sua própria peregrinação lembra a dos transcendentalistas, cujas histórias se tornam espelhadas nessas páginas com as da própria Bechdel; sua relação com o budismo, com os outros, com suas namoradas... Mas a inteligência perspicaz e o humor da autora recompensam todas as releituras (para escrever este ensaio, reli o romance cinco vezes). Nos seus desenhos emocionalmente expressivos tem sempre tantos detalhes intercalando as dimensões familiar, profissional, romântica, cultural, espiritual, que é fácil ver como ela ficou ansiosa e sobrecarregada...!

Esta metanarração impressionante, em que Bechdel parece procurar parentescos com as modas de exercícios, mas também com outros autores, acontece em todo o trabalho de Bechdel. Ela é talvez esclarecida pelo ensaio de Judith Butler "Is Kinship Always Already Heterosexual?" (2002; "O parentesco já é sempre heterossexual?", em tradução livre), em que Butler observa que a teoria psicanalítica ainda precisa repensar sua abordagem sobre o parentesco considerando a perspectiva "daqueles que vivem fora das normas estabelecidas ou em algum ponto entre o normativo e o 'não" (p. 38). Uma vez que teoria psicanalítica, salvo algumas dissidências, continua tendo por base um enredo edipiano que, apesar de suas potencialidades *queer*, presume a estrutura da família nuclear<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> A este respeito, ver também Preciado, Paul B., (2020). *Je suis un monstre qui vous parle: rapport pour une académie de psychanalystes*. Paris, Bernard Grasset.



Nesse sentido, Butler levanta a questão de como seria uma narrativa psicanalítica do parentesco ao considerar a perspectiva de sujeitos não-heteronormativos, como pessoas LGBTQIA+, adotadxs e crianças concebidas por meio de barriga de aluguel e fertilização *in vitro*. Ela instiga a refletir sobre as práticas narrativas que moldam o desenvolvimento psíquico e social da criança:

A história que a criança conta sobre sua origem, uma história que sem dúvida estará sujeita a muitas recontagens, deve se conformar a uma única história sobre como o ser humano passa a existir? Ou será que encontraremos o ser humano emergindo por meio de estruturas narrativas que não são redutíveis a uma única história, a história da própria cultura capitalizada? Como devemos revisar nossa compreensão da necessidade de uma compreensão narrativa do eu que uma criança possa ter, que inclua a consideração de como essas narrativas são revisadas e interrompidas com o tempo? (p.39)

Nas mãos de Bechdel, novos modos de intersubjetividade e de relacionamento inacabado acabam vindo à tona com uma pluralidade *eus*. No fundo, Bechdel não narra só o parentesco *queer* (aquele que encontramos na comunidade, e nas relações amorosas *queer*); na verdade o parentesco é um processo interminável de *tornar-se parente*. E, neste sentido, se olharmos de novo para os dois primeiros romances gráficos, mesmo seus pais (aqueles que a cultura heteronormativa já designou como família!) entram num processo de *tornarem-se parentes* como efeito desta investigação.

Assim, talvez de forma ainda mais radical, podemos dizer que Bechdel nos mostra como a narrativa pode servir como um meio *queer* de *fabricar* o parentesco. A partir desse ponto de vista, o parentesco não existe essencialmente, ele se transforma através da atenção que damos a ele.

Neste sentido, as três narrativas gráficas se baseiam na qualidade de “arquivista” que Bechdel tem sobre a própria vida: isto acontece com a inserção de anotações de diário

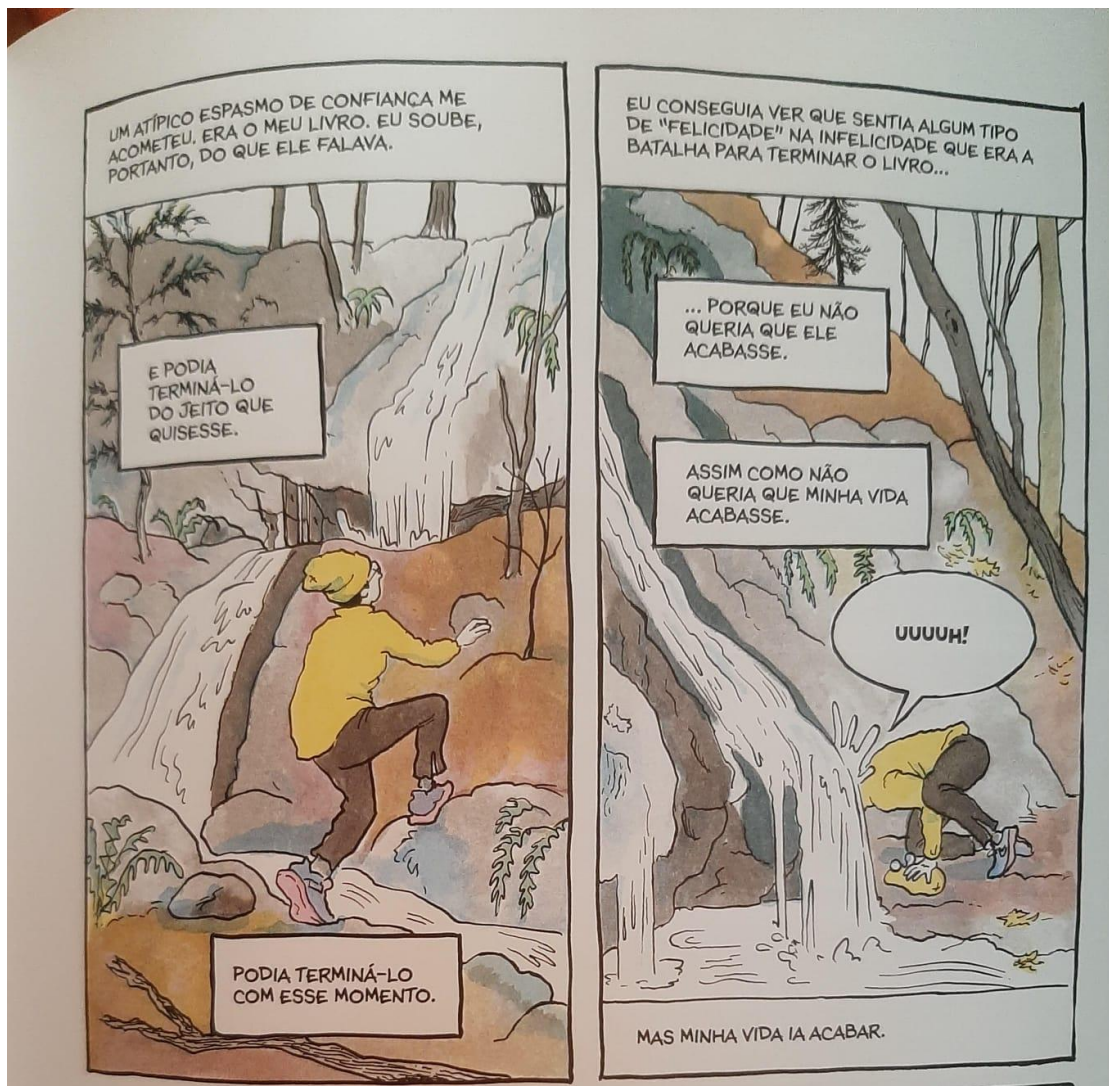


redesenhadas, cartas, recortes de jornais, passagens de livros e fotografias. Embora a inclusão de cartas, fotografias e outras coisas efêmeras seja um método comum de integração e legitimação de histórias familiares na narrativa autográfica, em *O segredo da força sobre-humana*, a narrativa sobre si vem através dos mecanismos de alívio do estresse e da ansiedade que a relação com os exercícios físicos permite. E, com isso, Bechdel consegue incluir no seu “arquivo” também experiências de outros, aqueles autores com quem ela tem *parentesco*: pessoas para quem a simetria entre bloqueios físicos e bloqueios criativos faz deles *parentes* por terem em comum as perguntas sobre o que significa, afinal, ser mortal, ser num corpo, confrontar as próprias limitações.

Bechdel enfatiza a necessidade de retornar e avaliar suas lembranças coletadas como se fosse um objeto ou uma memória de infância em um estudo de caso. Ou seja, cada fotografia desenhada, carta e página de um livro é contextualizada com uma aura de investigação autoetnográfica.

É por isto que, terminada uma maratona obsessiva de leitura dos romances da Bechdel, podemos chegar à conclusão de que, depois de ter conseguido se tornar parente com os próprios pais nos dois primeiros romances, no seu terceiro, através de outros, ela se *torna parente* consigo mesma e pode, enfim, se dar conta da própria mortalidade.





### Referências Bibliográficas

Bechdel, Alison. 2013. “*Você é a minha mãe? – um drama em quadrinho*”. Tradução Érico Assis. Quadrinhos na Cia.

\_\_\_\_\_. 2018. *Fun Home – uma tragicomédia em família*, trad. André Conti, Todavia.

\_\_\_\_\_. 2021. *O essencial de Perigosas Sapatas*, trad. Carol Bensimon, Todavia.

\_\_\_\_\_. 2023 *O segredo da força sobre-humana*, trad. Carol Bensimon, Todavia.

Butler, Judith. 2002. “Is kinship already heterosexual?”. *d-i-f-f-e-r-e-n-c-e-s : A Journal of Feminist Cultural Studies*.



Utell, Janine. 2020. "The comics of Alison Bechdel: from the outside". In *Critical approaches to comics artists*, David Ball, Series Editor, University Press of Mississippi.

### Entrevistas e palestras

Alison Bechdel. 2014. "Alison Bechdel & Judith Thurman on "Dykes to Watch Out For". In *The New Yorker*. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=3Zi09a8O900&ab\\_channel=TheNewYorker](https://www.youtube.com/watch?v=3Zi09a8O900&ab_channel=TheNewYorker)

\_\_\_\_\_. 2015. "Alison Bechdel's "Fun Home": The Coming-Out Memoir That Became a Hit Broadway Musical". In *Democracy Now*. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=Gputc-vy\\_zg&ab\\_channel=DemocracyNow%21](https://www.youtube.com/watch?v=Gputc-vy_zg&ab_channel=DemocracyNow%21)

\_\_\_\_\_. 2015. "Queers & Comics Keynote". *Lecture on The Graduate Center, CUNY*. Disponível:

[https://www.youtube.com/watch?v=kQrKPmnrZYw&t=3289s&ab\\_channel=TheGraduateCenter%2CCUNY](https://www.youtube.com/watch?v=kQrKPmnrZYw&t=3289s&ab_channel=TheGraduateCenter%2CCUNY)

\_\_\_\_\_. 2021. "Alison Bechdel's Superhuman Strength". *Stuck in Vermont 638*. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=6cC4gqjEjGg&ab\\_channel=StuckinVermont](https://www.youtube.com/watch?v=6cC4gqjEjGg&ab_channel=StuckinVermont)

\_\_\_\_\_. 2022. "Interview Alison Bechdel X Penelope Bagieu". *Pop Women Festival*. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=-ze-XfQVxWo&ab\\_channel=POPWOMENFESTIVAL](https://www.youtube.com/watch?v=-ze-XfQVxWo&ab_channel=POPWOMENFESTIVAL) visitado em 5 de dezembro de 2023.

\_\_\_\_\_. 2023. "FUN HOME: Alison Bechdel in conversation with Una Mullally". *Gate Theatre Dublin*. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=FivG3mwe5oY&ab\\_channel=GateTheatreDublin](https://www.youtube.com/watch?v=FivG3mwe5oY&ab_channel=GateTheatreDublin)

